

A vida é bela! A noite sorri...



Carlos Alberto “Béba” Abreu

A vida é bela! A noite sorri...

100 anos da Semana de Arte Moderna de 22

LETRAPITAL

Copyright © Carlos Alberto “Béba” Abreu, 2022

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610,
de 19/02/1998.*

*Qualquer parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, desde que seja citada a fonte.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Rita Luppi

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A145v

Abreu, Carlos Alberto “Béba”
A vida é bela! A noite sorri... / Carlos Alberto “Béba” Abreu. - 1. ed. - Rio
de Janeiro: Letra Capital, 2022.
98 p. ; 21 cm.

“100 anos da Semana de Arte Moderna de 22.”
ISBN 978-85-7785-739-5

1. Contos brasileiros. 2. Poesia brasileira. I. Título.

22-78675

CDD: 869

CDU: 821.134.3(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Dedico a

*Maria Helena Kühner, professora do ginásio querida,
me ensinou a ler e a pensar.*

Ana Maria Zanelli, me fez reescrever os contos.

*Rita Bueno, me deu filhxs e me acompanhou
um bom tempo.*

Teo, Marcelo e Clarice, filhos e filha queridxs.



Sumário

Contos	9
Velho e a moça (depois de Drummond e Hemingway) ou saudades infinitas	11
Histórias de Carlos e Murillo	13
O revide	21
No bater da onda.....	25
Poesias	33
A poesia será um dia.....	35
Biografia	37
Bom ficar velho	38
Canto I	39
Canto dos enforcados	40
Fim do século 20	41
Hilde.....	42
Imagens.....	42
Metafísica	43
Minha casa.....	43
Nosso problema.....	45
Receita.....	47
Ruas de Porto Alegre	48

Se você me perguntasse	50
Se	51
Sua imagem se forma.....	52
Tenho a vida toda.....	53
Quase provérbios e falsas máximas	55
Por que as fotos?	69

Contos



Velho e a moça (depois de Drummond e Hemingway) ou saudades infinitas

(Em 4 partes)

1. O velho despertou. A casa antiga, sempre vivera. Ou qualquer lugar, qualquer tempo, pois era em sua alma apenas... Abriu os olhos. Sentiu a paixão que o deixara nesse estado, como nenhuma outra o fizera. Paixão de poucos dias atrás.

Como deslizar em lâmina afiada. Glória e dor. Ela se recusava a ter o mínimo contato com ele. Nem por Whatsapp. “Se tivesse dito que a odiava, entenderia. Mas o que declarei é que a desejo em sonho e no real. Aí não entendo!” Todo dia pensava nela. Quase todo instante... A roda que indicava seus sentimentos não parava de girar na direção inicial e o triturava mais e mais. Não falar com você era estar inteiro em um inverno interminável e triste.

Um dia teve um lampejo, um coral de anjos e demônios sussurrou em seu ouvido: “Você está assim por que não respeitou o sagrado!”.

Que sagrado é esse? – pensou o velho. De sagrado só conhecia a poesia de um dia depois do outro. A mulher do próximo? Talvez... Quando o humano vai deixar corpo e alma livres para amar todo mar de gente?

2. A gata surgira do nada. Apareceu e foi ficando. No início, arredia. O velho começou a não dar bola. Até se desviava no seu trajeto para não se aproximar. Aí ela amansou. Ficou da casa. O velho é que não deixava ela pernoitar. Fora das portas e janelas, ele a colocava. Ficaram amigos. Ela se chegava e se esfregava. Olhava nele, direto, sem desviar. Pensou o velho: “Será que a moça me enviou essa gata?”. Resolveu batizá-la: Priscila, ou Pri!

Cada vez que tocava nela pensava em você. E quase toda hora tocava nela.

Passou pela cabeça e coração do velho, olhando os azuis olhos da gata: “Agora qu’eu a acaricio, será que ela pensa em mim por algum instante, no dia a dia atribulado?”.

“Acho que não.”

3. O outro caso é da amoreira. Ela existia há tempos. Não era notada, os galhos sempre subiam céu adentro, ninguém vira nem uma amora. Não existia, em verdade!

Depois que a moça da paixão ocupou por inteiro meu coração, a amoreira começou a colocar galhos frondosos para baixo. A caseira perguntou se tais galhos seriam podados. Disse não. Os galhos floriram e ofereceram amoras. Amoras suculentas de sangue nos dedos, abocanhadas antes do café da manhã.

Ao velho restou achar que sua paixão também falava com e através da amoreira.

4. ... aí disseram que era possível quebrar a repetição eterna das vidas passadas e futuras. Eles, o velho e a moça, poderiam não mais se encontrar em nenhuma outra existência. Certo ritual quebraria a corrente. Não mas se esbarrariam, não provariam paixão e repulsa. Escutou, pensou nela que o envolvia incondicionalmente e soube que não queria deixar de sentir o que sentia. “Mesmo que doa, gosto do que sinto por você.” Recusou o ritual.

O velho cogitou se apenas não a teria inventado. E se sentiu solto e só no mundo.

Histórias de Carlos e Murillo

Caminhavam numa das três ruas que saem do centro de Goiânia, formando um pé de galinha, como explicara o motorista do táxi. Voltavam para o hotel, no segundo dia de trabalho na cidade pouco conhecida. Funcionários da mesma empresa, colegas. Já se conheciam bastante, achavam, mas nunca haviam se falado sobre intimidades escondidas, dessas que se fala em sessão de análise ou em madrugadas de mesa de bar, com amigos antigos.

A luz de abril, fim de tarde, começava a murchar. Carlos, mais velho, estivera na cidade quando Goiânia era bem menor. O outro, Murillo, fizera recentemente três viagens rápidas. Caminhar tinha sentidos diferentes

para os dois: para o primeiro significava montar duas fotos de épocas diferentes, uma sobre a outra. O que via agora não se encaixava na foto antiga. Para o segundo, o sentido era explicar ao colega o que já conhecia da cidade... bom vendedor, fingia ser mais conhecedor do que era: identificava esquinas sem nelas já ter parado.

Carlos, além de regressar ao hotel, estava indo ao passado. Resolveu levar o amigo junto:

- Quer saber o que me aconteceu nesta cidade? Nunca contei a ninguém... Era mais jovem que você... Havia chegado à noite e só iria encontrar meu cliente pela manhã. Fui direto ao hotel. Este, no qual estamos, nem existia. Era modesto, denominado “de viajante”, em uma dessas ruas aqui do centro. Depois do jantar, saí para esticar as pernas. Isso aqui era tudo pequeno... havia uma avenida... não sei se é esta que a gente está andando... ela terminava numa praça com uma enorme estátua de um bandeirante. Não sei que data era, se cívica ou religiosa. Havia muita gente na rua. De repente me vi no meio de uma multidão que comemorava sei lá o quê. Andando no meio daquele povo todo, logo, logo, estou ao lado de duas mulheres. Uma podia ser chamada de senhora; a outra, de anjo. Eram amigas, passeavam de braços dados. Puxei conversa, encantado. Trabalhavam, como domésticas, na mesma casa. A mais nova parecia que deslizava sobre os paralelepípedos, ao meu lado. Sua pele clara, os cabelos pretos, a maçã do rosto saliente mas suave, doce, pedindo para ser tocada, rosada; as coxas se escondendo no vestido leve e barato, roliças, fartas. A gente se olhava nos olhos. Fundo. Bem fundo. Como desejo em espelho ou através de aquário. Em pouco tempo, já tinha certeza que ela também

estava querendo deixar a amiga na casa da patroa e ir comigo para um hotel mais próximo. Era urgente não perder tempo. O tempo é muito curto, assim como a vida é rara. Pegamos um táxi. A amiga desceu e sumiu atrás do portão da casa onde trabalhava. À vontade, nos beijamos, roçando língua com língua; eu rezando para que o motorista alcançasse rapidamente o hotel indicado pela moça, Aurora, em frente à rodoviária. Esses instantes no táxi foram o prenúncio de tudo que desejava para o resto da noite. Estava com um ser celestial, de verdade, que chegara às minhas mãos por livre e espontânea vontade, que abria minha blusa e tocava no bico do meu peito, o que me fazia escutar um coral maravilhoso e divino com sons de riacho e movimentos de chamas. Você sabe que eu, com esse corpinho e essa carinha, não tenho as mulheres caindo aos meus pés. Todas que chegaram até a mim, foram com muito empenho meu. Descobri que é preciso primeiro tocá-las, de alguma forma, para que elas se interessem por mim. Com essa foi *vapt-vupt*: ela me escolheu. Imagino que tenha percebido que eu era de fora. Ela subindo à minha frente a escada do hotelzinho, me dava certeza que Deus estava torcendo por mim. Rápido, tentei afugentar pensamentos impertinentes: “Mereço? Tudo isso?”. Ao fazer a ficha do hotel, esses pensamentos já haviam ido embora. Considerava e desejava que o quarto tivesse o mínimo de conforto, beleza, aconchego. Talvez fosse esperar por muito. Aurora me pegou pela mão e tudo mais passou a não ter a menor importância, nem o troco que o atendente fingia procurar no fundo de sua pequena gaveta. Ela achou o número do quarto primeiro que eu. Mais jovem, mais alegre, mais viva. O abraço, ao